

Equador, de volta às origens

Amparados pela tradição de suas manifestações culturais milenares e pela força dos movimentos sociais, os povos indígenas do país buscam recuperar o espaço perdido desde a chegada dos espanhóis

Texto e fotos | Fellipe Abreu

Oficina de reparos de chapéus panamá em Cuenca: os "legítimos" são daqui mesmo

"A lli Puncho mashi Fellipe." Dessa forma, em coro incentivado pelo professor, os alunos do Colégio Santiago Vasquez, em Caguanapamba, deram "bom dia ao amigo Fellipe", em quéchua. Pedindo desculpas por ter interrompido a aula de matemática deles e um tanto tímido por ter de me apresentar e explicar o que eu estava fazendo ali para uma turma de crianças, de, em média, 7 anos, que me olhavam com um misto de riso e timidez, disse que vinha do Brasil. Perguntei se eles conheciam meu país e mostrei a eles onde ficava em um globo que o professor me emprestou. Falei que o Brasil é o único país do nosso continente que não falava o espanhol, que também não falávamos quéchua e que eu estava ali para escrever uma matéria sobre como eles vivem em Caguanapamba.

O que pode parecer uma situação comum, na verdade não é. Se hoje tenho a oportunidade de interromper a aula de matemática dessas crianças, devo isso à luta dos movimentos indígenas daquele país. Não à toa, a educação tornou-se um dos pilares do movimento indígena, já que desde os tempos em que os povos nativos do continente viviam sob o sistema de haciendas – uma espécie de regime de produção semifeudal –, a educação era proibida aos índios. Em 1979, quando o Equador voltou à democracia, os índios ainda se encontravam fora dela. A Constituição dizia que, para ser considerado cidadão, a pessoa tinha de, além de ser equatoriano de nascimento, ser também alfabetizado em espanhol.

E o ensino, na época, era altamente excluído para a população indígena. “Aqui em Caguanapamba o colégio é bilíngue. Todas as crianças, além do espanhol, falam quéchua.” Quem me diz isso, com orgulho, é Luis Alberto Chimborazo, morador da comunidade e meu guia na comunidade de Kuya Llacta, um centro de turismo comunitário integrado pelas comunidades de Caguanapamba e Sisid, ambas na província de Cañari.

As raízes dos que hoje vivem nessa região se encontram no povo cañari, que habitaram e governaram a região entre os anos 500 e 1480, quando começaram as tentativas dos incas para dominar o povo rival.

Grandes “casas de madeira”

Apesar da resistência cañari, os incas, liderados por Tupac Yupanqui, conquistaram a região e, sobre a cidade de Guapondelig, fundaram Tomebamba, na qual o líder inca viveu por muitos anos, administrando e anexando novos povos ao seu já vasto império. Nesta cidade, Yupanqui se casou com a filha do

cacique de Guapondelig, e foi lá que nasceu Huayna Capac, o primeiro imperador inca não nascido em Cuzco, capital do império.

Huayna Capac viveu em Tomebamba por muitos anos, e foi durante o seu governo que a cidade alcançou o seu auge, tornando-se a segunda mais importante do Império Inca, atrás apenas de Cuzco. Foi durante uma temporada do imperador em Quito que chegaram as primeiras notícias de estranhas pessoas barbadas, vindas em “grandes casas de madeira”, que montavam em animais enormes. Além de caravelas, soldados e cavalos, com os espanhóis vieram também epidemias de varíola e sarampo; dentre as milhares de vítimas estava Huayna, que morreu em Quito por volta de 1525.

Com sua morte, o Império Inca mergulharia em uma guerra civil nascida da disputa pelo poder entre os irmãos Huascar e Athualpa. Este venceu a guerra contra seu irmão e marchou de volta a Cuzco como imperador soberano do Império Inca. Mas não por muito tempo. Em 16 de outubro de

1532, os estranhos barbados chegaram às terras incas e Athualpa foi aprisionado por Francisco Pizarro, encerrando a autonomia do mais importante império nascido no continente sul-americano.

Assim como os incas construíram Tomebamba em cima das ruínas de Guapondelig, sobre as ruínas da cidade inca seria fundada, em 12 de abril de 1557, Santa Ana de los Ríos de Cuenca, hoje reconhecida pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade e terceira cidade mais importante do Equador, depois de Quito e Guayaquil.

Arquitetura antiterremoto

Durante o período em Caguanapamba, fiquei hospedado na casa da família de Maria Joana e de Martin Caguana, que vivem com suas três filhas. No almoço, arroz, batata e frango. E à noite, sopa. Tudo sempre acompanhado pelo delicioso suco de tomate.

A economia local é baseada na agricultura de subsistência. Batata, milho, feijão, cevada, trigo e um tipo de tubérculo chamado *melloco* são os produtos mais cultivados na região. Alberto me disse também que algumas famílias se dedicam à pecuária e à venda de leite para as regiões vizinhas, além do cultivo de morango.

Uma viagem de 30 minutos de Caguanapamba nos leva a Ingapirca, o maior e mais bem conservado sítio arqueológico do Equador, que congrega elementos arquitetônicos das culturas inca e cañari. Nas construções incas, pedras pesando várias toneladas se encontram perfeitamente talhadas e a junção entre os blocos de pedra é tão perfeita que não permitiriam a entrada de uma simples agulha, como pode ser visto no Templo do Sol. A maior parte das portas e janelas tem forma trapezoidal, mais larga na base que no topo, para resistirem melhor aos tremores de terra, bastante comuns na região.

De volta a Caguanapamba e vencendo a timidez de Maria Joana, começamos a conversar sobre as dezenas de tipos de batatas que os andinos comem ou sobre eu achar



estranho eles criarem *cuy* – porquinhos-da-índia – para comer. Seu marido, Alberto, me conta que o turismo comunitário está ajudando não apenas conter a fuga dos mais jovens rumo às cidades maiores, como também vem fortalecendo a cultura local entre as crianças. “Hoje elas vão ao colégio com as nossas roupas tradicionais.”

Em meu último dia em Caguanapamba, antes de prosseguir viagem pela província de Cañari, Luis Alberto e dona Maria Joana prepararam um *pampamesa*, espécie de refeição comunitária na qual cada convidado traz um pouco de um determinado alimento – milho, diferentes tipos de batatas e tubérculos, ovos, molhos apimentados e carnes. A proposta do banquete comunitário é compartilhar e celebrar a fartura que Pacha Mama, a Mãe Terra, nos oferece, e era isso que nós, mesmo em reduzido número, estávamos fazendo ali. Além de mim, Luis Alberto, dona Maria Joana e suas três filhas, quem passava por perto também se achegava à *pampamesa*, sendo muito bem recebido à mesa.

Foi dessa forma que passei meu último dia em Caguanapamba. Mas não fui embora sem conhecer algumas comunidades na região de Gualaceo. O nome da cidade é em homenagem ao cacique cañari que lutou

Uma das casas mais antigas de Caguanapamba, construída em estilo cañari, civilização subjugada pelos incas

Maria Joana e sua filha preparam a *pampamesa*, cerimônia andina na qual a comida é compartilhada pela comunidade





Tecidos produzidos com algodão, lã e veludo expostos em Otavalo, na maior feira indígena da América Latina

contra o Império Inca, morreu em batalha e deu seu nome à cidade.

“Panamás” feitos no Equador

No meio do caminho que liga Cuenca à cidade de Gualaceo fica San Pedro de los Olivos, onde vive a família de José Jimenez, cujos integrantes passam o dia fazendo macanas, um tipo de xale típico das indígenas da serra. Os cañaris já produziam peças similares às macanas utilizando como matéria-prima uma fibra vegetal chamada *cabuya*, além do algodão. Hoje elas são produzidas principalmente com fios de algodão, lã e veludo, mas seguem tingidas com tintas obtidas de frutas, flores, hortaliças e até mesmo de um tipo de minhoca. Os fios são unidos em mechas e as partes que não devem ser tingidas são amarradas. Com partes coloridas ou não, os fios pouco a pouco vão se transformando em desenhos nas mãos dos hábeis tecedores.

Na paróquia de San Juan conheci a associação agroartesanal Nueva Juventud, muito conhecida pelos seus trabalhos com a palha

toquilla, retirada das folhas de uma palmeira, por sua vez famosa por servir de matéria-prima para a criação dos famosos chapéus do Panamá. O que pouca gente sabe é que os chapéus tipo panamá, na verdade, são equatorianos. Cuenca, por exemplo, exporta seu produto “panamenho” para o mundo todo. “Vendo que não tínhamos lugar para vender nosso artesanato, e que não queríamos dá-lo a intermediários, decidimos formar um grupo. No início éramos 79 tecedoras”, diz uma das artesãs da Nueva Juventud, que, além dos tradicionais chapéus, por aqui conhecidos como “El Fino”, produzem também *sombreros* (chapéus largos), enfeites e até presépios, tudo feito com a palha *toquilla*. Além de cursos de capacitação para novas integrantes, elas também possuem um espaço para a venda dos produtos.

“Você reparou em umas pedras muito grandes pelo caminho?”, me perguntou Ilda Lema. “Não”, eu respondi. Então dona Ilda, com a ajuda das filhas, me contou a lenda: quando ninguém pensava em viver aqui,

existia uma guerra entre o maior vulcão da região, o Imbabura, e a maior montanha, Cotacachi, que se agrediam mutuamente jogando pedras um no outro. Fazendo-se valer do seu tamanho, a lenda diz que quem ganhou a briga foi a montanha Cotacachi. Porém, há uma versão mais romântica que diz que a briga entre os dois gigantes da região foi, na verdade, uma fase ruim na relação amorosa entre o Taita (pai em quéchua) Imbabura e Mama (mãe em quéchua) Cotacachi. E as pedras ficaram pelo caminho.

A próxima parada da viagem foi Otavalo, distante 100 quilômetros da capital, Quito. Cidade com origens milenares nos povos caranqui e cayambi, ambos subjugados pelo Império Inca, foi daqui que, em 1541, cerca de 4.000 índios saíram em uma expedição que localizaria as nascentes do rio Amazonas, durante o século 16.

A grande feira indígena

Em Otavalo a grande atração é a feira da Plaza de los Ponchos, considerada a maior feira indígena da América Latina. Ao contrário de Gualaceo, a estrutura de interesse turístico em Otavalo gira em torno da feira. Mas o mais interessante é conhecer, nos arredores de Otavalo, as comunidades que produzem tudo que é vendido na feira. Do pequeno terminal de ônibus peguei um para Ilumán e, de lá, desci andando até Peguche, passando por Quinchuqui.

Em Ilumán, conheci a oficina de confecção de *sombreros* de Lenin Artos. “Eu herdei o ofício do meu pai e hoje não produzo somente para a feira de Otavalo, mas também para outras cidades”, revela Lenin. Já Daniel de la Torre e Maria Zoila Aruayón, que confeccionam peças à base de lã de ovelha com teares de madeira, vendem toda sua produção na feira de Otavalo.

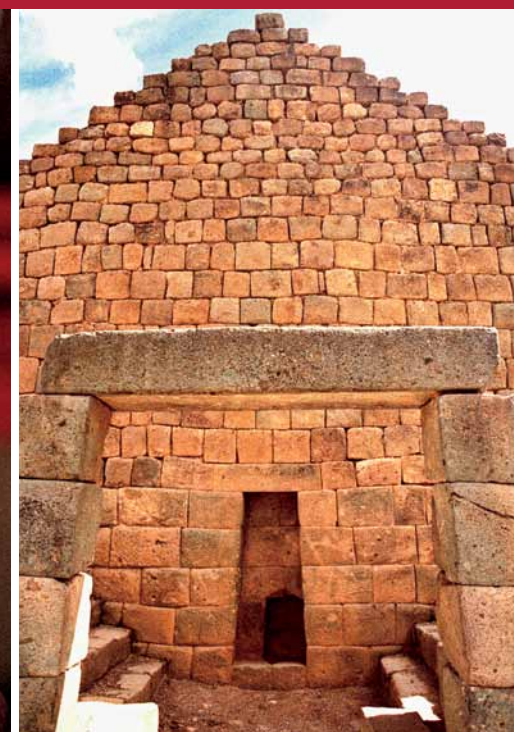
Caminhando desde Quinchuquí em direção a Peguche, de longe eu ouvi um ruído estranho. No começo pensei que fosse a famosa cascata do Peguche, mas, me aproximando mais, me dei conta que o ruído já se trans-

formara em uma sinfonia de máquinas de tear. Segundo produtores locais, foi na década de 50 que os teares manuais começaram a ser substituídos pelos de ferro, para suportar a demanda da feira de Otavalo. Nesse momento me lembrei do que disse José Jimenez sobre a dificuldade de vender suas macanas, ainda produzidas de modo artesanal e que consomem o esforço de toda a sua família.

Dona Ilda Lema vive nessa comunidade e, além de produzir peças para serem vendidas em Otavalo, aluga cômodos de sua casa para os visitantes. Mesmo viajando sem intermédio de uma agência de turismo, percebi

Ana María Ulloa, esposa de José Jiménez, borda em uma das macanas produzidas por sua família





Em Gualaceo o destaque é a cerâmica; em Cuenca, a herança colonial é marcada pela catedral. Já em povoados menores, como Caguanapampa, o estilo de vida é indígena

que em Otavalo as comunidades estão preparadas para o turismo. “Se você ficar aqui, vamos poder te contar muitas outras lendas e você vai conhecer como a gente vive”, disse dona Ilda, fazendo sua propaganda.

Nessas comunidades ainda se fala muito o quéchua, porém, entre as gerações mais velhas. Dona Ilda conta que as filhas dela, por exemplo, compreendem o quéchua, mas já não falam bem. Nas escolas da região se ensina quéchua, mas muitos colégios não são bilíngues. Com o número cada vez maior de turistas, a língua quéchua vai dando lugar à necessidade de se comunicar cada vez mais em espanhol.

As famílias ainda plantam nos terrenos de suas casas, mas em escala reduzida. A comunidade que um dia produziu tudo que consumia, hoje deu lugar a uma que tem no turismo sua principal atividade econômica. Segundo a recepcionista do albergue em que eu me hospedei, “todo mundo da região acaba vindo trabalhar próximo a Ota-

valo, por causa do turismo”.

Pluricultural e multiétnico

A população indígena no Equador, estimada entre 25% e 45% da população, está dividida em 12 etnias, que se expressam em 11 idiomas. Com o tempo, esses povos se organizaram em movimentos indígenas que acabaram por formar dois grandes organismos regionais, a Ecuñari – representando os povos dos Andes – e a Confenaie – os povos da região da Amazônia –, que, nos anos 80, fundiram-se em um organismo nacional de defesa indígena, o Conaie. Em pouco mais de uma década nasceria o braço político do movimento, o partido Pachakuti, que concorreria nas eleições de 1996. Nesse primeiro pleito, o Pachakuti conseguiu eleger 15 deputados – oito indígenas e sete aliados – em um total de 70.

Em 1998, os movimentos indígenas tiveram participação direta na elaboração do texto da nova Constituição, a mais avançada da América Latina no que se refere ao reconhecimento dos direitos coletivos dos povos indígenas, como o da identidade dos povos,

a manutenção de sua cultura, territórios e a administração de seus recursos naturais, formas de participação no Estado e desenvolvimento autônomo.

De acordo com a Constituição, o Equador, além de ser um estado social de direito, soberano, unitário, independente e democrático, passou a ser também pluricultural e multiétnico. No próprio texto da Constituição é utilizado o termo quéchua “Pacha Mama” para se referir à natureza e um capítulo é dedicado exclusivamente aos direitos da natureza. O espanhol continua sendo o idioma oficial, mas o quéchua e o shuar são reconhecidos como “idiomas oficiais de relação intercultural”. Ou seja, o país deixou de ser um Estado homogêneo de língua espanhola, para assumir suas diferentes etnias, com suas respectivas línguas e culturas diferenciadas.

Representando essa evolução dos povos indígenas no país, em 2003, durante o curto governo de Lucio Gutiérrez, encerrado com sua renúncia, em 2005, pela primeira vez na história do país dois indígenas ocuparam ministérios: Luis Macas assumiu o da Agricultura e o de Relações Exteriores foi

ocupado pela líder indígena Niña Pacari.

Mais de quatro séculos depois da derrocada do Império Inca diante dos conquistadores espanhóis, resta no Equador uma parcela significativa dos povos andinos que o antropólogo Darcy Ribeiro chamou de “povos-testemunho”, os contemporâneos do Império Inca. Seja na gestão comunitária e no turismo sustentável em Kuya Llacta, na produção dos mais variados tipos de artesanato em Otavalo, nas milenares técnicas artesanais em San Pedro de los Olivos ou nas respostas políticas do movimento nativo às décadas de negligência por parte do Estado, os povos indígenas do Equador vêm tentando recuperar um espaço que é seu de direito. Atuando cada vez mais incisivamente na esfera política ou na gestão comunitária, os povos indígenas deste pequeno país querem não apenas ser testemunhas e representantes de um passado, mas também condutores do seu próprio futuro, agora que são, finalmente, reconhecidos como cidadãos com os mesmos direitos de seus antigos conquistadores.

Marcas indígenas: a técnica ikat de tingimento de linhas, as ruínas de Ingapirca, que unem os estilos cañari e inca, e o xamã Daniel Artos em sua casa

